

O CONCEITO DARDELIANO DE GEOGRAFICIDADE REPRESENTADO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Marcos Alberto Torres¹
André Gustavo Nunes²

RESUMO: Fundamentado nas teorizações de Ernst Cassirer referente à sua filosofia das formas simbólicas (Cassirer, 2001) e nos conceitos fundamentais de Éric Dardel sobre a dimensão espacial da realidade e de *geograficidade* (Dardel, 2015), o presente artigo apresenta, inicialmente, uma fundamentação teórica acerca dos conceitos de realidade e representação e seus desdobramentos ao longo da história do pensamento humano. Em seguida, um panorama teórico-conceitual é exposto no que tange à temática da dimensão espacial da realidade presente tanto na realidade geográfica (Dardel, 2015) quanto na realidade literária (Cardoso, 1985). Posteriormente, aplicando uma metodologia de análise sumariamente hermenêutica (Hirsch, 1967) e dardeliana, o texto tem por objetivo apresentar três distintas análises geográficas das espacialidades de diferentes obras contemporâneas da literatura brasileira sob o ponto de vista das representações das relações estabelecidas entre os seres humanos e a natureza que os circunda, valendo-se de fragmentos extraídos das ficções de referência e identificando potenciais tipos de *geograficidades* nelas constantes. Resumidamente, o artigo identifica ao menos três tipologias de *geograficidade* ao analisar quatro produções literárias, sendo que em duas delas, ambas produzidas pelo mesmo autor, as tipologias identificadas se constituíram similares. Em última instância, é também intento do presente texto a promoção de reflexões que versem sobre as relações que os seres humanos atualmente têm estabelecido com aquilo que se compreende por natureza a partir das análises desenvolvidas e aqui apresentadas.

Palavras-chave: Geografia e literatura; Geograficidade; Relação Humano-Natureza; Representação literária do espaço.

INTRODUÇÃO

O impacto do movimento pós-moderno da chamada Virada Cultural dos anos 2000 pelo qual passaram as correntes epistemológicas da subárea Humana da Geografia, como aponta Pedrosa (2016, p. 53), e que conceberam uma Nova Geografia Cultural que vinha sendo gestada desde o final da década de 1980 com formulações teóricas embasadas sobretudo nas proposições de Gaston Bachelard (1884-1962), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Yi-fu Tuan (1930- 2022), autores notadamente de abordagem epistemológica vinculada à fenomenologia, trouxe consigo tanto a possibilidade de leitura e resgate de outros intelectuais e obras até então não tão reconhecidos em âmbito internacional quanto uma multiplicidade de leituras geográficas dessas

1 Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: marcostorres.geo@gmail.com.

2 Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: andregnunes00@gmail.com.

proposições, às quais a comunidade acadêmica da ciência geográfica passou a ter maior contato e posterior adesão.

No que tange ao pensamento geográfico brasileiro e sua incorporação de novos autores e literaturas, bem como ao desenvolvimento dessa corrente epistemológica no território nacional, profunda e extensamente analisada por Paul Claval (Université Paris-Sorbonne) em sua obra *ANova Geografia Cultural* (1999), o resgate e a introdução da obra fundamental do geógrafo francês Éric Dardel (1899-1967), denominada *L'homme et la Terre: nature de la réalité géographique* (1952), indicaram à abordagem fenomenológica da Geografia um caminho epistemológico possível pelo qual seguir. Traduzido diretamente do francês para o português brasileiro e publicado a partir de 2015, *O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (Dardel, 2015) tem servido à comunidade acadêmica da Geografia como fundamentação teórica para leituras geográficas das espacialidades que a dimensão espacial da realidade, em suas múltiplas representações, tem apresentado de maneiras tão diversas e instigantes.

Os conceitos fundamentais de dimensão espacial da realidade, realidade geográfica e *geograficidade*, propostos por Dardel (2015), têm sido sobremaneira incorporados aos estudos geográficos que se dedicam a analisar as espacialidades que, dentre outras formas, as obras literárias de ficção apresentam. Autores como Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Gratão propuseram na década de 2010 (Marandola Jr.; Gratão, 2019) orientações metodológicas que permitiram leituras dardelianas das espacialidades que a dimensão espacial da realidade ficcional, tal como conceitua Massaud Moisés (1928-2018) em *A análise literária* (2014), apresenta ao leitor.

Entretanto, as leituras das espacialidades da realidade ficcional que se baseiam nas proposições dardelianas de leitura geográfica da realidade têm conferido menor importância ao conceito central e fundamental de *geograficidade*, “o qual expressa a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo” (Marandola Jr., 2015, p. XII) e se materializa na prática humana de agir na natureza geográfica na qual está inserida e se relacionar com o que há no seu entorno. Buscando contribuir com o preenchimento dessa lacuna de aplicação conceitual, o presente artigo se propôs a ler as espacialidades ficcionais de determinadas obras da literatura brasileira contemporânea e analisá-las sob o ponto de vista das relações espaciais que essas diversas realidades ficcionais apresentam, levando em alta consideração os diferentes tipos de *geograficidades* que as personagens estabelecem com o todo espacial circundante em que estão inseridas.

O caminho metodológico que orientou e possibilitou a realização do presente artigo consiste no método hermenêutico de análise literária proposto por E. D. Hirsch (University of Virginia), em que o texto literário pode ser analisado sob duas perspectivas semióticas: uma que enfatiza o sentido do texto e outra que destaca os possíveis e inumeráveis significados de um texto. Sumariamente, para o autor, a chave interpretativa do *sentido* do texto se ocupa de interpretá-lo reconstruindo o contexto (social, histórico, político, econômico etc.) em que o autor o escreveu, atentando-se às nuances representacionais que intencionou apresentar em seu texto (Hirsch, 1967, p. 8). Diametralmente oposto a isso, segundo ele, uma leitura que se debruça sobre os

significados de um texto consiste na prática intersubjetiva de cada pessoa leitora de construir significados particulares por meio da leitura que realiza, estabelecendo pontes significativas a partir do contato com os signos linguísticos textualmente representados, algo que, em última instância, mobiliza, modifica e consolida todo um campo simbólico de apreensão da realidade por meio da leitura realizada (Hirsch, 1967, p. 9-10).

Isto posto, visando contribuir com o debate teórico-metodológico promovido pelos estudos da vertente Humana da Geografia, o texto apresenta leitura e análise das diversas espacialidades que a realidade ficcional de algumas obras da literatura brasileira contemporânea apresenta sob o ponto de vista da representação das geograficidades dardelianas que retratam, identificando diferentes formas relacionais das personagens com o seu entorno natural, buscando, em última instância, promover a reflexão acerca das formas atuais pelas quais os seres humanos têm estabelecido relações com a natureza à qual pertence e na qual está inserido.

1 REALIDADE E REPRESENTAÇÃO

As formulações teórico-filosóficas que se ocuparam de refletir acerca do que vem a ser “realidade” e as eventuais formas que ela possui de ser abstraída e representada, até onde se tem registro, remontam ao Período Clássico da Grécia Antiga (séc. VI a.C. a séc. IV a.C.). Dentre elas, destacam-se as proposições platônicas e aristotélicas apresentadas em *A república* (Platão, 380 a.C.) e na *Poética* (Aristóteles, 335 a.C.), respectivamente, em que, salvaguardadas as particularidades críticas de cada autor, confluem no entendimento grego geral de que a realidade é composta por uma instância imaterial (mundo inteligível) e outra material (mundo sensível), compreendendo *realidade* como o conjunto daquilo que o intelecto humano é capaz de acessar intelectualmente e perceber sensitivamente. Além disso, ainda durante a era grega, as discussões ocupadas de discorrer sobre o conceito de realidade resultaram no debate seminal acerca das eventuais maneiras pelas quais esta pode se manifestar intelectual ou sensitivamente à humanidade, sendo por ela percebida, abstraída e apreendida. Tanto em Platão quanto em Aristóteles, o conceito fundamental pelo qual a realidade se expressa aos seres humanos consiste na ideia de *mimesis* (representação/imitação/reprodução), isto seja: percebemos, abstraímos e apreendemos a realidade por meio de representações, sejam elas inteligíveis ou sensíveis.

Muitos séculos se passaram até que a Europa Meridional do Período Renascentista (séc. XIV a séc. XVI) resgatasse o conceito de *mimesis* e se propusesse a refletir sobre a realidade e suas representações. Apesar da distância temporal que separa os gregos antigos, os helenistas e os medievais da denominada intelectualidade da renascença, muito do conceito grego de representação da realidade se manteve conservado (Saltarelli, 2009, p. 252), recebendo apenas uma nomenclatura latina – *imitatio* – e se materializando como uma prática compreendida como a reprodução fidedigna da realidade humanamente apreendida, sobretudo em termos artísticos.

Somente durante o Período Iluminista (1685-1815) é que formulações que se ocuparam de pensar sobre os conceitos de realidade e de representação surgiram com propostas menos conservacionistas e mais revolucionárias. Inescapáveis à discussão

de ambos os conceitos, as proposições kantianas fundaram uma nova era de entendimento acerca da realidade e de suas maneiras de ser apreendida e representada. A respeito desse tema, o mérito de Immanuel Kant (1724-1804) consiste na sua concepção fundamental de que os objetos do conhecimento – ou tudo aquilo quanto é percebido nas instâncias imaterial e material da realidade – não aparecem por si mesmos, tampouco podem ser considerados objetos existentes em si, mas que são trazidos intelectualmente ao sujeito e lhe são apresentados como fenômenos. Essa proposição máxima de Kant, ainda que já constasse nas entrelinhas dos escritos gregos, firmou a compreensão de que a realidade, em seu estado puro, é inacessível ao ser humano, evidenciando um dos limites daquilo que denominava *razão humana*, restando ao indivíduo apenas o acesso (percepção, abstração e apreensão) a recortes da realidade, sintetizado no conceito kantiano de *fenômeno*. Outrossim, no que tange às discussões sobre a representação dessa realidade fenomenicamente apreendida, o ser humano, segundo o autor, somente é capaz de representá-la igualmente por meio de fenômenos singulares e intransferíveis.

As proposições teórico-filosóficas e conceituais referentes à realidade e suas representações, ao longo do século XIX e nos séculos posteriores, tiveram como fundamentação as formulações kantianas, as quais se destacam a inacessibilidade do ser humano à realidade dita pura, sendo possível apenas o acesso a facetas fenomênicas dela, e a representação igualmente fenomênica dessa realidade singularmente apreendida. Entretanto, um elemento que já havia despontado durante o iluminismo, a despeito de não ter contado com tão numerosos desdobramentos, seria incrementado às discussões acerca da realidade e, suas percepções e representações. Quer no processo de percepção, abstração e apreensão fenomênica da realidade (*fenômeno*), quer na sua representação igualmente por meio de fenômenos, a intelectualidade europeia identificou um movimento simbólico de conformação e definição do fenômeno kantiano por parte do indivíduo que o experiencia: a experiência do fenômeno apresenta ao sujeito os elementos de uma realidade sógnica que então passa a compor um sistema sógnico composto por significantes e significados (signos) socialmente convencionados, porém particularmente definidos. Formulado e defendido sobretudo por Ferdinand de Saussure (1857-1913), esse movimento foi denominado processo de significação da realidade (Fiorin, 2014, p. 55).

1.1 O UNIVERSO SIMBÓLICO DAS REPRESENTAÇÕES

O incremento do elemento de significação dos fenômenos depreendidos da realidade resultou em uma miríade de desdobramentos teóricos, pois não estava mais em questão apenas o fenômeno em si, mas uma experiência particular e irrepetível, portanto singular e particularmente significada pelo indivíduo que a apreendeu; e a singularidade dela, a maneira como ela se apresenta para o indivíduo e igualmente a forma pela qual ele a significa e a representa rendeu à intelectualidade europeia diferentes propostas teóricas. Dentre várias, aquela promovida por Ernst Cassirer (1874-1945) figura entre as mais sólidas e consolidadas no pensamento ocidental ainda atualmente. Em sua obra *Ensaio sobre o homem: introdução à filosofia da cultura humana* (Cassirer,

1994), o autor sintetiza a maior parte do pensamento que desenvolveu ao longo de toda a sua vida intelectual. No que tange à realidade e às suas representações, duas máximas cassirerianas que se complementam têm destaque em sua obra, sejam elas: o ser humano é um animal simbólico, portanto, que apreende, significa e representa a realidade fenomênica simbolicamente; as formas simbólicas desenvolvidas pela humanidade medeiam a relação entre o ser humano e a realidade que ele apreende.

A filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer, portanto, propõe que os fenômenos experienciados e que passarão pelo processo de significação de um indivíduo possuem diferentes formas de conformação à realidade, cada qual contendo elementos e mecanismos sógnicos próprios. Em sua obra *A filosofia das formas simbólicas* (Cassirer, 2001), o autor elenca cinco delas: a linguagem, o mito, a religião, a ciência e a arte. Para ele, cada uma propõe ao indivíduo uma maneira particular de conformação e significação da realidade fenomenicamente apreendida, mobilizando signos específicos de sua composição, ainda que uma não anule a outra, mas lhe seja complementar. Semelhantemente, a representação desse fenômeno experienciado, quando retorna à realidade material por meio de sua representação, consequentemente é mediada pelos sistemas simbólicos nos quais fora apreendido e significado.

A contribuição teórica desse autor considerado neokantiano corrobora nossas investigações ao propor a existência, portanto, de diferentes sistemas simbólicos de significação da realidade fenomenicamente experienciada, bem como de sua representação. Dentre esses sistemas elencados destacam-se, naturalmente, o científico e o artístico, fundamentais para o embasamento teórico-conceitual das proposições desenvolvidas neste texto.

1.2 CIÊNCIA E ARTE: DIFERENTES FORMAS DE APREENDER, SIGNIFICAR E REPRESENTAR A REALIDADE

A proposta cassireriana sinteticamente exposta adquire nuances de aplicabilidade quando tomamos algumas de suas formas simbólicas como objetos mediadores das relações fenomênicas entre o ser humano e a realidade experienciada e as incorporamos a um processo de significação da realidade. Seguindo o pensamento do autor, pode-se inferir teoricamente um exemplo que melhor delineia sua teoria a partir da compreensão sequencial desses fatores: a) a percepção e apreensão de um fenômeno que se apresenta ao indivíduo; b) a significação que o indivíduo atribui a esse fenômeno; e c) a forma pela qual o indivíduo representa o fenômeno percebido, apreendido e significado.

Deslocando-se esse modelo teórico para um plano mais tangível, semelhantemente ao que faz o próprio autor, pode-se pensar uma experiência fenomênica ordinária de um indivíduo. Segundo Cassirer, o primeiro momento desse processo simbólico de significação da realidade consiste na apreensão do fenômeno de referência – nela é que o indivíduo impinge ao fenômeno suas impressões mais primitivas, elementares

e psicossocialmente premeditadas, porém não absolutamente particulares (Garcia, 2019, p. 165). Em seguida, o indivíduo busca construir uma ponte de sentido entre o fenômeno apreendido e o seu universo simbólico de conhecimento sobre o seu universo conhecido e seu cosmos; e neste segundo momento é que a forma simbólica que mais adequadamente significa o fenômeno apreendido constrói para o indivíduo um sistema simbólico de conformação e explicação da realidade que experienciou. Por fim, decorrerá da forma simbólica que atribuiu significado ao fenômeno apreendido a maneira pela qual o indivíduo irá representar – ou devolver à realidade tangível – a experiência significada simbolicamente da qual agora ele é detentor.

Entretanto, as formas simbólicas de significação da realidade – originalmente cinco (linguagem, mito, religião, ciência e arte), atualmente estendidas para mais numerosas formas encontradas na obra do mesmo autor (Vanderbergue, 2018, p. 659) – diferem entre si e operam por mecanismos particulares. Ao que interessa o presente texto, somente as formas simbólicas de significação da realidade por meio da ciência e da arte receberão destaque. Sumariamente, a forma científica de apreensão, significação e representação da realidade configura-se como a mais recentemente desenvolvida pelo ser humano, haja vista que sua instituição, nos moldes ocidentais pelos quais hodiernamente a compreendemos – embora tenha raízes preestabelecidas no século VI a.C. –, data apenas do século XVI, com o final do Período Renascentista; mediante as demais, como a religião e o mito, por exemplo, a maneira científica de conceber a realidade é notoriamente recente. Ainda assim, apreensão, significação e representação da realidade por meio dela atualmente figuram como as mais consolidadas maneiras de encontrar sentidos e significados para os fenômenos que a humanidade experiencia, seja no nível subjetivo, intersubjetivo ou coletivo, sobretudo em função de sua natureza interrogativa, abordagem cética e caráter que tende fortemente à comprovação empírica. Além disso, a despeito de ideologias e correntes de pensamento dissidentes ou resistentes à ciência, essa forma de conformação da realidade não apresenta significativos traços de declínio ou desuso, ainda que internamente esteja entumecida por contradições e divergências ideológicas, teóricas e metodológicas.

Por outro lado, a arte como prática humana e passível de ser compreendida como forma de apreender, significar e representar a realidade experienciada possui uma existência mais longa e, portanto, pretérita à ciência. O pensamento humano histórico compreende como primeiras manifestações artísticas da civilização humana registros e fósseis que datam do Período Paleolítico (25.000 a.C. a 8.000 a.C.). Dentre eles figuram as afamadas pinturas rupestres e os itens totêmicos ou representativos de seres vivos como animais quadrúpedes ou homínidos. Porém, as primeiras formulações teórico-filosóficas sobre o tema representativo da arte e suas expressões e manifestações novamente – e, igualmente, até onde se tem registro

– pertencem à intelectualidade grega do Período Socrático (séc. V a.C. aproximadamente).

Não bastante, a arte, em sua complexidade, destacadamente se difere das demais formas simbólicas cassirerianas em razão de sua multiplicidade de expressões e manifestações (linguísticas, visuais, sonoras etc.), apresentando um amplo repertório re-

presentacional, cada qual com técnicas e linguagens executivas particulares³. No que tange aos interesses deste texto, a faceta artística literária é que destacar-se-á dentre as demais unicamente por motivos de extensão textual, podendo certamente ser retomada em outra oportunidade.

1.2.1 A LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE

O embasamento teórico-conceitual que sustenta a factibilidade de se tomar a literatura como uma maneira de apreender, significar, mas sobretudo representar a realidade foi sedimentado e está posto no início do presente texto. Como apontado inicialmente, a concepção ocidental seminal de representação da realidade resultou no conceito de *mimesis*, ou tão somente a imitação ou reprodução da realidade. Por conseguinte, é a partir desse conceito que uma das principais obras do século XX que se ocupou de expor consistentes teorizações sobre o tema da capacidade representacional da realidade por meio da literatura irrompeu no ocidente global. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (Auerbach, 2021), elaborada por Erich Auerbach (1892-1957), representou o resgate do conceito de mimese artístico-literária e instituiu uma chave de possibilidade de leitura da realidade por meio das obras literárias. Para o autor, cada texto literário, quando hermeneuticamente interpretado, é capaz de desvelar uma realidade outra – ou, de acordo com a abordagem aqui empregada, apresentar um fenômeno –, anteriormente desconhecida ou ignorada pela pessoa leitora. Tal empreendimento permite a esse indivíduo, portanto, apreensão e significação de uma outra realidade, mediada pela linguagem através da qual a representação literária se expressa, resultando no estabelecimento de uma ponte de sentido simbólico entre o indivíduo e o fenômeno.

Sendo assim, pode-se afirmar teoricamente que a literatura, com seus conteúdos e linguagem particular, tem a capacidade de representar uma realidade ou um fenômeno ao mobilizar elementos simbólicos humanos e a partir deles permitir ao indivíduo identificar sentidos ou construir para si significados particulares. Não obstante, todo um ramo da ciência linguística, situada no campo da literatura comparada, se ocupa de investigar essas possibilidades de conexões entre realidades diversas e indivíduos, independentemente das distâncias culturais, idiomáticas, sociais, políticas, ideológicas etc. – basta ler uma tradução do poema mesopotâmico da *Epopéia de Gilgámesh* (Sin-leqi-unninni, 2017), datada de aproximadamente 2.000 a.C., para refletir acerca do tema da solidão e da morte, que, segundo a personagem protagonista, tal como ocorre com seu amigo, e a qualquer vivente, “Atingiu-o o fado da humanidade” (Sin-leqi-unninni, 2017, p. 110); ou a leitura de *Moby Dick ou A Baleia* (Melville, 2019) para, tal como Ishmael, temer um mal que, ao mesmo tempo onipresente e que espreita os humanos, deles se esconde e se poupa; ou, ainda, uma experiência com *Os Miseráveis*

³ As formulações teóricas que orientam essa concepção constam sobretudo no *Manifesto das Sete Artes* (1923), de Ricciotto Canudo (1877-1923); e são amplamente desenvolvidas ao longo de toda a obra de Tzvetan Todorov (1939-2017), especialmente em *As estruturas narrativas* (2011).

(Hugo,2017), em uma França devastada pela fome, doença e injustiça social para sentir a pungência da renovação da esperança no porvir em Fantine ao entregar-se ao mundo em razão do bem-estar de sua filha Cosette – e a lista se prolonga.

1.2.2 INTERPRETAÇÃO E REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA DA REALIDADE: A REALIDADE GEOGRÁFICA DE ÉRIC DARDEL

Retomando a veia científica da conformação simbólica dos fenômenos que decorrem da realidade e proporcionam experiências à humanidade, é fundamental destacar que a forma simbólica científica, embora não possua tão distintos sistemas de linguagens como ocorre com a forma artística, possuiu, naturalmente, diversos enfoques que se ocupam de tentar interpretar/significar a realidade perceptível a depender de sua área de especialidade ou interesse. Ao que nos diz respeito, na condição de intelectuais da Geografia que buscam nas categorias espaciais elementos que nos ajudam a atribuir sentidos e significados aos fenômenos que observamos, interessa-nos sobremaneira a dimensão espacial da realidade.

Não são poucos os filósofos da ciência e epistemólogos que se dedicaram a dissecar a afirmação de que a realidade, multifacetada como se apresenta à humanidade, é passível de ser igualmente abstraída, significada e representada através da mesma faceta pela qual se apresentou inicialmente. Expor tão numerosos intelectuais e formulações teóricas a esse respeito, neste momento, resultaria em uma prolixidade inconveniente. Para os objetivos deste texto, destacam-se as proposições do geógrafo francês Éric Dardel (1899-1967), apresentadas em sua obra de fundamental importância *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica* (Dardel,2015). Nela, o autor apresenta vários conceitos-chave que orientaram inúmeros trabalhos produzidos pela vertente humana da ciência geográfica. Dentre esses conceitos, dedica-se maior atenção a dois deles: o de realidade geográfica e o de *geograficidade*.

Objetivamente, em seu primeiro conceito fundamental, Dardel propõe que a realidade, complexa e multifacetada, possui uma dimensão inextricavelmente espacial, não podendo ser ignorada, mas o contrário: percebida e apreendida; e é da competência do conhecimento da ciência geográfica, em um primeiro momento, a sua interpretação e significação, qual seja:

A geografia é, segundo a etimologia, a “descrição” da Terra; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um *texto* a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, a sinuosidade dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objetivo esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença (Dardel, 2015, p. 2).

Em razão dessa complexidade espacial que a realidade apresenta – isto é, sua dimensão espacial é que o autor propõe haver toda uma realidade representada espacialmente

pelos signos da natureza à humanidade, resultando no estabelecimento de uma realidade espacial passível de ser interpretada pelo conhecimento geográfico, denominando-se, portanto, realidade geográfica (Dardel, 2015, p. 5). Semelhantemente, para ele, é também função desse conhecimento a representação dessa realidade por meio dos signos geográficos desenvolvidos e consolidados pela Geografia na esfera material da realidade fenomênica, pois compreende que se, por um lado, somente a ciência geográfica é capaz de interpretar tais fenômenos em sua dimensão espacial, igualmente apenas ela tem os instrumentos e a habilidade necessários para representá-la em sua materialidade.

O segundo conceito dardeliano fundamental que muito nos interessa salientar consiste naquilo que o autor compreende por *geograficidade*. Igualmente de maneira objetiva, de acordo com Marandola Jr. (2015), compreende-se por *geograficidade* a expressão da “essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo” (Marandola Jr., 2015, p. XII), ou da própria relação entre o ser humano e a natureza. Esse conceito seminal de Dardel, sobretudo após o resgate da obra pela Geografia brasileira ao final da década de 1990 e início da de 2000, fundou, orientou e ainda serve como referência para diversos trabalhos de cunho acadêmico que transitam pela abordagem fenomenológica e humanista da ciência geográfica contemporânea, em que se destacam os escritos de Gratão (2019) e Marandola Jr. (2010, 2015, 2019); e é sobre essa concepção de geografia como o estudo das relações do ser humano com a natureza e suas espacialidades que o presente texto se embasa.

1.3 ENTRE REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS E GEOGRÁFICAS DA REALIDADE: GEOGRAFICIDADE COMO AMÁLGAMA

[...] oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (*terriennes*), marinhos ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, [essa] experiência, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social (Dardel, 2015, p. 6).

Essa citação que apresenta uma atmosfera feérica e onírica da natureza poderia, com grande facilidade, ter sido extraída de uma obra literária que se inclina sobremaneira aos elementos que compõem a natureza e o mundo em relação aos quais o ser humano possui conhecimento. Do mesmo modo, citações literárias que representam a mesma dimensão espacial da realidade poderiam ser incluídas nos livros didáticos de Geografia, em que ler-se-ia:

Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras. E é rio cheio de bichos cágados. Se olhava a lado, se via um vivente desses – em cima de pedra, quentando sol, ou nadando descoberto, exato. [...] Mas, com pouco, chegávamos no do-Chico. O senhor surja: é de repente, aquela terrível água de largura: imensidade. Medo maior que se tem, é de vir canoando num ribeirãozinho, e dar, sem espera, no corpo dum rio grande. Até pelo mudar. A feiura com

que o São Francisco Puxa, se moendo todo barrento vermelho, recebe para si o de- Janeiro, quase só um rego verde só (Rosa, 2019, p. 80-81).

Esse paralelo entre o olhar geográfico e o literário para a dimensão espacial da realidade, bem como a associação entre a Geografia e a literatura, está posto e reiteradamente afirmado desde o início do século XXI. A dimensão espacial da realidade geográfica e a mesma dimensão representada na realidade ficcional (Cardoso, 1985; Moisés, 2014)⁴ configuram-se como um prolífico campo de estudos geográficos nas esferas representacionais daquilo que se denomina espaço geográfico, haja vista que toda categoria e dimensão espacial está sujeita à análise geográfica.

Entretanto, em vez de empenhar esforços nas geografias dos enredos literários; ou nas geografias dos lugares em que supostamente se ambientam; ou, ainda, buscar na realidade geográfica um correspondente fidedigno à geografia representada na literatura – a chave de leitura que o presente texto propõe se dedica a analisar as *geograficidades* representadas literariamente, ou as maneiras pela qual a literatura tem representado as relações entre o ser humano e a natureza, tomando este conteúdo literário como um reflexo da realidade geográfica que permeia e atravessa a ontologia humana, buscando, em última instância, promover uma reflexão acerca dessas múltiplas relações estabelecidas nos moldes atuais, tendo como referência suas representações mais recentes. Nisto consiste o amálgama entre a representação geográfica e a representação literária da realidade: a geograficidade dar-deliana.

2 AS DIFERENTES GEOGRAFICIDADES DARDELIANAS REPRESENTADAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Em primeiro lugar, é salutar destacar os recortes escalares aplicados às análises que aqui serão apresentadas em razão da proposta temática do presente texto, bem como de sua extensão, pois incorrendo no risco de grande pretensão metodológica – a proposta de chave de leitura aqui apresentada, supõe-se, é passível de ser deslocada e aplicada a qualquer obra literária que contenha elementos literários suficientes para uma eventual análise espacial de sua geografia, tendo como centralidade as relações estabelecidas entre os seres humanos e a natureza nela representadas. Isto posto, por motivos de síntese textual, objetividade acadêmica, temática literária, datação da obra selecionada ou mesmo por afinidade com as narrativas em questão é que se optou por uma literatura nacional, multirregional e pluritemática, tal como é característico da produção literária brasileira, sobretudo a alcunhada contemporânea⁵.

4 Conceito sobretudo defendido por Massaud Moisés (1928 -2018) e Zelia Cardoso (1934-2021), definido por ambos como o universo próprio da literatura, no qual a criação literária estabelece uma dinâmica e configuração particular da realidade abstraída e significada pela pessoa ficcionista, instituindo uma realidade literária única, presente em cada obra (Cardoso, 1985, p. 165).

5 Outro motivo principal da escolha por uma literatura produzida recentemente no Brasil consiste na tentativa de verificar com algum nível de acurácia as maneiras pelas quais a produção literária tem compreendido e representado as relações entre a sociedade e a natureza, partindo do pressuposto colocado por Auerbach de que a literatura, em determinada medida, factualmente reflete a realidade percebida e apreendida individual e/ou coletivamente (Auerbach, 2021).

Além disso, é igualmente fundamental apontar que os resultados das análises aqui expostas não transitam ao longo de um *continuum* bipolar em que em uma extremidade a *geograficidade* literariamente representada se apresenta como “harmoniosa”, e na outra como “conflituosa”. Opostamente a isso, a natureza das relações entre os seres humanos e o ambiente que os circunda representadas literariamente se apresentam como sendo multidimensionais e multipolares, haja vista o fato de muitas vezes, dentro de uma mesma narrativa, serem encontradas personagens com relações harmoniosas, conflituosas ou indiferentes com o seu entorno natural, ou ainda com relações múltiplas em uma única personagem. Para todos os efeitos, foram selecionados apenas alguns exemplos principais que demonstraram maior coerência narrativa e relacional ao longo do todo narrativo complexo.

2.1 TERRA DENTRO: UMA FUSÃO DO SER HUMANO COM A TERRA

Escrita por Vanessa Vascounto e publicada no primeiro semestre de 2020, *Terra dentro*, segundo a autora, se ambienta no norte rural paranaense. Toda uma paisagem agrária de pequenos produtores e camponeses é o pano de fundo de uma narrativa que apresenta os dramas intersubjetivos de uma família visceralmente ligada à terra da qual não é proprietária, mas de onde tira seu sustento, provém seu alimento: terra que serve como sustentação para suas residências pequenas, humildes e geminadas e é também o palco de toda a ação narrativa. Ao menos duas personagens merecem destaque para uma análise geográfica, dois irmãos consanguíneos, uma chamada Rita e outro chamado André.

Estruturadas em formato intimista e confessional, particular, sensíveis ao mesmo tempo que brutais, as histórias narradas ao longo do livro pelos irmãos expressam uma experiência de ser- e-estar-no-mundo em que a relação que estabelecem com o entorno natural que os circunda é, para o bem ou para o mal, na perspectiva subjetiva das personagens, indissociável. A atmosfera da realidade espacial literária estabelecida por Vascounto figura uma fusão eterna e inescapável das personagens sujeitas ao espaço natural no qual vivem em que, a título de exemplificação, no trecho a seguir se assinala enquanto Rita lamenta o trágico falecimento de sua mãe:

Uma pessoa repetida, a minha mãe, mas ela não conta porque não veio. Ou veio e nunca veio. Uma alma que veio sem querer vir ou querendo ir embora. Veio e foi embora pelada com o veneno dos ratos na plantação das batatas quando eu tinha vinte e um anos e um bucho. E meu pai, sem nunca ter botado pingão de álcool ou veneno na boca, achou ela lá, *estendida igual cerca viva*, só que morta, na frente das sete casas de plateia. *Colheu ela batatinha*, coitado (Vascounto, 2020, p. 15 [grifo nosso]).

Ou ainda, enquanto a mesma personagem recorda as trocas de afetos físicos entre ela e seu “maridinho” falecido já há quinze anos:

Maridinho ficou sendo meu maridinho num dia de minuano. “É pra gente

se esquentar, pequena”, ele falava num sopro quente no meu ouvido e eu sentia o coração bater no corpo, igual depois da gente deitar, quando eu botava a cabeça de lado e ele olhava pra ele de horizonte *e a pele era o chão que eu via bater, um terremoto debaixo de pétala* (Vascouto, 2020, p. 37 [grifo nosso]).

Essas extrapolações que fazem a pessoa leitora por um momento perder de vista o horizonte que nitidamente distingue aquilo que é humano daquilo que é natureza pura – nos casos citados: planta, caule e solo – representam uma *geograficidade* que reata a humanidade à sua condição de natureza, de órgão que compõe um organismo maior chamado Terra. Entretanto, embora a essência dessa relação humano-natureza se apresente como *reconciliadora*, a maneira pela qual as personagens, em sua subjetividade, reagem a este todo complexo natural circundante é bastante interessante de ser analisada. Novamente, a título de exemplo, lê-se a seguinte declaração de André, uma personagem consideravelmente menos reflexiva e melancólica do que sua irmã Rita, bastante revoltado contra seu entorno natural:

Deitado reto eu via de baixo pra cima um céu rachado de galho. Eu queria morar naquele chãozão de azul, eu e você, ver de lá de cima que mais da metade do ano o diacho do caquizeiro não passava de um pé de pássaro. Dava nem folha nem caqui até o verão. Caqui tem valor, Rosa, não é que nem batata que dá o ano inteiro e nunca perde nem folha nem nada, sempre viva, raiz maldita. *Eu sempre odiei aqui. Eu sempre gostei de odiar aqui. Eu sou forte forte, eu sou o rei das batatas. Eu odeio tanto aqui que vou ficar aqui pra sempre* (Vascouto, 2020, p. 27 [grifo nosso]).

A *geograficidade* das personagens em questão, embora reunidora, revela-se bem menos bucólica e mais opressiva e limitante do que se espera superficialmente de uma vida campestre, especialmente no caso citado. André deseja fugir daquela terra, daquele solo e “morar naquele chãozão de azul”, mas é impedido de realizar seu desejo e se (in)conforma com a única possibilidade que lhe é permitida: permanecer fundido ao solo entre as batatas. Enquanto isso, Rita, uma personagem significativamente menos reativa e mais idealista em suas elocubrações, deseja apenas na esfera da impossibilidade deixar de viver entre tubérculos e torrões de uma terra vermelha que não lhe pertence (Vascouto, 2020, p. 13) para ver o mar pela primeira vez e viver banhada de sua margem viva e branda.

Por fim, no caso de *Terra dentro* (Vascouto, 2020), a essência geográfica das relações estabelecidas entre as personagens retratadas, embora figure como reconciliadora, reunidora, representa e resulta para elas em um conflito ontológico que atravessam tanto a dimensão espacial quanto a dimensão existencial interna dos sujeitos representadas literariamente; repercute em tramas e contradições que encaminham a narrativa para seu clímax e posterior esmaecimento, mas sem apresentar uma resolutiva às problemáticas a elas suscitadas pelo entorno natural e avassalador no qual estão circunscritos.

2.2 TORTO ARADO E SALVAR O FOGO: ENRAIZAMENTOS ENTRE LUTAS E FUGAS

Compreendida nacional e internacionalmente como uma das estreias literárias de maior repercussão na literatura brasileira contemporânea, o colossal romance *Torto Arado* (Vieira Jr., 2019), de autoria de Itamar Vieira Junior, com publicação no Brasil datada do ano de 2019, apresentou ao país e a diversas partes do mundo a história de duas irmãs em sua luta ontológica pelo direito à terra, direitos sociais e pelo acesso a uma existência minimamente digna. Ambientadas no extremo oeste do estado da Bahia, as personagens Bibiana e Belonísia, embora nascidas gêmeas, apresentam uma dicotomia de diametral oposição em suas maneiras de agir no mundo, mas não de ser-e-estar-no-mundo.

No decorrer da trama, ao que aqui nos interessa, as irmãs tomam rumos completamente opostos no fluir de suas vidas e na chegada da maturidade. Bibiana, alfabetizada e engajada politicamente, torna-se professora e decide lutar pelo direito de sua comunidade à terra pelos meios jurídicos legais; enquanto Belonísia, mutilada na mais tenra idade, experiencia uma vida de silêncios e frequentes isolamentos, encaminhando-se para o trabalho manual no campo, lutando à sua maneira pelo seu direito de pedaço de chão. Tais encaminhamentos e intencionalidades são evidenciados, por exemplo, na seguinte fala de Belonísia:

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e despolpar o buriti. [...] Me perguntava se naquele instante a irmã ausente tinha livros ou enxada nas mãos, se seguia com o sonho de ser professora. Comparava suas ambições às minhas, para concluir que, talvez por sermos diferentes entendimento, tivéssemos certo equilíbrio em nossos vínculos (Vieira Jr., 2019, p. 97-98).

Entretanto, embora sejam ontologicamente opostas em suas práticas espaciais, ambas lutam pelo direito de permanecer em uma terra que pertenceu aos seus pais Zeca Chapéu Grande e Dona Salustiana; terra que, por sua vez, fora de seus avós, Dona Donana; e que, muito anteriormente, esteve na posse de seus antepassados mais distantes, oriundos do continente africano e que resistiram ao grilhão da escravidão. Porém, a luta pelo direito de permanecer na fazenda Água Negra é o elemento que mobiliza todas as ações de ambas as personagens, bem como das demais pertencentes à comunidade.

A análise geográfica sob o prisma da geograficidade dardeliana representada nessa literatura nos encaminha a um entendimento de que a relação das protagonistas e de toda a comunidade que reside na referida fazenda – porém não mais proprietária – configura-se como sendo de profunda conexão e enraizamento simbólico à terra; não de fusão como na obra citada anteriormente, pois há medo e possibilidade latente e onipresente de expulsão dessas pessoas das referidas terras, demonstrando que não estabeleceram raízes sólidas naquela terra que historicamente compreendem por sua – estão involuntariamente impossibilitados de estabelecerem tais enraizamentos. Esse fato, por mais emblemático que se apresente, torna-se nítido diante da leitura atenta

à seguinte fala de Belonísia acerca das moradias que a comunidade trabalhadora da fazenda Água Negra tinha permissão de erigir:

O último inverno tinha sido de muita chuva e ventos fortes, que haviam causado avarias na casa em que morava sozinho [Zeca Chapéu Grande] com minha mãe depois da partida dos filhos. O barro havia cedido, deixando à mostra o trançado de madeira que sustenta va a parede da frente. Era como um corpo corroído que nos permitia ver os ossos. Que nos permitia ver a intimidade de uma casa, porque os buracos e frestas já não cobriam o seu interior. E o interior de uma casa era tudo que tínhamos (Vieira Jr., 2020, p. 158-159).

Esse fragmento revela as condições das moradias temporárias em que o povoado camponês tinha permissão de residir – em “taperas”, feitas de amarrações de galhos rebocados com barro e cobertas com folhagens secas. Todavia, esse mesmo recorte textual também expressa o desejo de se erigir residências fixas, dignas, que efetivamente representassem um lar para seus moradores.

Outro trecho que representa e sintetiza esse mesmo desejo coletivo de enraizamento à terra se verifica na fala da entidade religiosa denominada Santa Rita Pescadeira, que acompanha a trajetória não apenas das irmãs, ou mesmo dos vivos, mas de todo o povo ancestral da população majoritária de Água Negra, em que se lê:

Fazia tempo que não enterravam ninguém na Viração. O portão estava fechado por determinação de Salomão, o dono que sucedeu a família Peixoto. Alguém se lembrou de perguntar a Bibiana para onde ela queria que o corpo fosse levado. *Queria que o marido fosse para a Viração, para descer ao lado de Zeca Chapéu Grande.* Os irmãos e Zezé carregaram o corpo pelo caminho de terra. Belonísia seguiu atrás unida aos sobrinhos. Hermeliana caminhava amparada por Servó e pelas filhas (Vieira Jr., 2019, p. 208-209 [grifo nosso]).

Contextualmente, a Viração se refere ao cemitério popular pertencente à comunidade camponesa da fazenda, na qual antepassados distantes, tendo atingido o fado da humanidade, foram enterrados numa terra que declaravam como sendo sua; e que agora seus descendentes precisam reclamar como própria.

A partir disso, torna-se nítido que a relação que Bibiana, Belonísia e toda a diminuta comunidade camponesa da fazenda estabelecem se apresenta como irremediavelmente arraigada à terra que outorgam sua, demonstrando que sua maneira de se relacionar com a natureza, sobretudo o solo, se configura essencialmente como um lugar de *pertencimento enraizado* e pelo qual vale a pena ser disputado, seja politicamente, como o faz Bibiana, seja violentamente, como em vários momentos da narrativa Belonísia se posiciona.

Semelhantemente, em outro romance de Vieira Jr. a mesma *geograficidade* pode ser assinalada na família fragmentada de Luzia do Paraguaçu, constante em *Salvar o fogo* (Vieira Jr., 2023), publicado em 2023. Nele somos apresentados a uma família cuja figura materna está permanentemente ausente; a referência paterna esteve temporariamente ausente, retornando apenas em sua alta velhice para posteriormente novamente se ausentar; a imagem da prole desse casal está dispersa em uma Bahia em processo tardio de urbanização e industrialização; e a personagem principal é a única que não

pode optar por algum subterfúgio de escape das margens do Rio Paraguaçu, em que sua rotina diária de lavadeira é executada há décadas.

Diferentemente do que ocorre em *Torto Arado* (Vieira Jr., 2019), em *Salvar o Fogo* (Vieira Jr., 2023) as personagens não desejam permanecer próximo à aldeia na qual nasceram e mal atingiram a adolescência antes de deixá-la, mas o oposto: migram para a cidade em busca de emprego e das benesses da metrópole (Moisés, Mundinho e demais irmãos); agarram-se em um matrimônio precoce e fadado à infelicidade (Maria Cabocla); ou migram para outras terras em fuga da tão conhecida aldeia (Maria Cabocla e demais irmãos). Porém, igualmente ao que nos é exposto na obra de 2019, ocorre que essas personagens estão ontologicamente enraizadas à aldeia às margens do Paraguaçu, não podendo se evadir das raízes de sua própria trajetória ou da história de sua família, resultando em um movimento tardio, porém ratificado, de eterno retorno ao lugar ao qual sempre pertenceram e no qual se compreendem por seres humanos existentes no mundo, o que se observa nos seguintes trechos das personagens Maria Cabocla e Moisés, respectivamente:

Quase tudo naquelas paragens havia mudado. [...] Mas se não reconhecia as construções e a paisagem do seu passado, na Tapera tudo parecia imutável e embolorado, a começar pela igreja marcada pelo incêndio. [...] De leste a oeste, Maria Cabocla percorreu a Tapera beirando o rio em busca da casa onde viveu. Haveria de encontrar sozinha a morada da família, sem necessitar de ajuda, mas precisa entrever antes o que deveria existir em si da vida do Paraguaçu (Vieira Jr., 2023, p. 203-204).

Quando se dirigiu à Tapera para visitar o pai, temeu encontrar Luzia. A imaginava cheia de mágoa por sua fuga, por ter interrompido o sonho de vê-lo formado na escola do mosteiro, por ter subtraído o dinheiro que ela havia economizado às custas de privações. [...] Deixou a aldeia carregado de mágoa por todos os maus tratos recebidos e pelo que Luzia não conseguia expressar. [...] O regresso ao Paraguaçu lhe devolveu um mundo perdido. Não sentiu vontade de evocar as ausências, nem de se lamentar ou obter reparação (Vieira Jr., 2023, p. 285-286).

Novamente, a geograficidade dardeliana que está representada na referida obra revela uma relação entre humano e natureza de irremediável *enraizamento*, seja essa ou não a vontade das personagens, as quais, uma a uma, retornam ao ventre no qual foram gestados e ao ninho no qual cresceram.

Cabe ainda o destaque do efeito que essa relação ontológica espacialmente estabelecida entre a aldeia e as personagens, literariamente representada, produz nesses indivíduos, embates existenciais tanto subjetiva quanto intersubjetivamente: Moisés retorna à aldeia cujo poder religioso que o marcou negativamente por toda a sua existência imperava e agora jaz em ruínas e memórias traumáticas; Mundinho volta à aldeia e à família que abandonara em razão de uma relação extraconjugal com uma prostituta; Maria Cabocla, ou Mariinha, retorna de sua longínqua terra quando seu pai, que a expulsou de casa quando recebeu o anúncio de seu casamento com um sujeito reprovável, geme e agoniza em suas últimas horas de vida. A Tapera, às margens do rio Paraguaçu, é a terra na qual essa família, à revelia de sua vontade, estabeleceu suas bases existenciais espaciais, da qual lhes é impossível a evasão.

2.3 FICÇÕES URBANAS: O DISTANCIAMENTO HUMANO DA NATUREZA

Deixando de tomar uma única autoria como referência, a análise geográfica das relações entre o ser humano e a natureza circundante assume no presente caso aspectos mais episódicos e diminutos. O processo de urbanização das metrópoles que resulta em grandes cidades com suas regiões metropolitanas orbitando sobretudo as capitais, gerando, por exemplo, os fenômenos de metropolização e conurbação, ganha protagonismo para a nossa análise ao rarear os casos de interação entre o humano e a natureza.

Seja em razão do crescimento da malha urbana, do reduzido contato do ser humano com a natureza nas grandes metrópoles ou tão somente por arbitrariedade autoral dos ficcionistas, ocorre que, em narrativas ambientadas nos espaços majoritariamente urbanizados, as interações entre indivíduos e elementos da natureza em seu estado primeiro apresentam uma baixa ou escassa incidência. Apenas em situações nitidamente pontuais, ou ocasionais, é que se pode identificar alguma interação humana com um elemento natural e a partir disso estabelecer uma ponte de sentido que revele uma *geograficidade* particular entre os envolvidos.

Tomando como exemplo a obra *Nossa Senhora D'Aqui* (Collin, 2020), de autoria de Luci Collin, relançada em 2020, temos ao longo de 156 páginas de uma prosa poética muito particular dessa escritora rareadas aparições de elementos da natureza. Ambientada numa vivazurbe curitibana, ora somos apresentados a alguma espécie de planta valorizada por suas propriedades cosméticas, como no trecho “Ah, ainda tem a babosa que a Dona Augusta, do apartamento da frente, deu. E é natural, a babosa que essa vizinha, uma italiana nascida lá mesmo, traz do sítio da filha [...]” (Collin, 2020, p. 41); ora nos surge um animal doméstico de maneira inusitada no texto, como ocorre no fragmento “9. Achei legal que alguns personagens têm nome de heróis épicos. Posso dar o nome de um deles pro meu gato?” (Collin, 2020, p. 3)⁶; ou nos deparamos muito brevemente com elementos atmosféricos da dinâmica climática de Curitiba, assinalada no trecho labiríntico reproduzido na íntegra:

[...] você não gosta de quem lê os classificados não gosta de quem aparece com a barra da calça molhada porque está uma tremenda chuva e o ônibus demorou porque venta porque o ar é gelado porque esta cidade é no fim do mundo porque não vai dar pra comprar um carro nem na outra vida (Collin, 2020, p. 45).

Inicialmente, esses fragmentos literários nos indicam um notório distanciamento entre o ser humano e as espacialidades e elementos naturais que o circundam, sugerindo uma tipologia de *geograficidade* que se constitui como aversiva, evitativa, ou que sugere o entendimento de que os indivíduos citadinos, residentes das grandes metrô-

6 A citação refere-se às páginas finais da obra da autora: embora possua 156 páginas, tem editoração de numeração particular: inicia-se na página 1 e segue em uma crescente ordinária até a 72; em seguida, repete uma outra página 72 e passa a uma ordem decrescente de numeração, retornando, ao final da obra, a uma outra página 1. A citação em questão se refere à segunda página 3.

poles, acabam por acentuar a cisão moderna bipolar que não compreende a sociedade humana como parte da natureza.

Outros exemplos desse distanciamento constam na primeira, na terceira e na quarta partes do romance *Sob o Céu Vermelho* (Baran, 2023), do igualmente curitibano Basílio Baran, em que três jovens perambulam a pé e utilizando o extenso serviço de transporte público da capital paranaense e pouco reparam em um ou outro elemento compositor da natureza, tais como aves, arborizações, dinâmicas atmosféricas, dinâmicas sazonais – e lista de casos estende-se largamente.

Assim, tanto em Collin (2020) quanto em Baran (2023), a leitura geográfica da representação desse tipo relação exposta nas obras ambientadas em cenários urbanos emerge não daquilo que seus esforços apontam, mas para aquilo que deixam de apontar: o descolamento ou afastamento do ser humano em relação aos elementos da natureza, desvelando uma *geograficidade* essencialmente *indiferente* ou *não interativa* na esfera consciente do ser-e-estar-no-mundo. Poder-se-ia fazer uma leitura das relações afetivas que estão postas em tais representações literárias – uma relação terapêutica com o hábito urbano de cultivar plantas de pequeno porte em apartamentos diminutos ou de apego emocional aos *pets* urbanos por meio dos afetos –, porém o elemento da dimensão espacial da realidade representada na literatura e que atravessa o existir humano perderia o protagonismo se realizada tal análise.

Portanto, a geograficidade dardeliana que parece surgir em nossas análises constante na literatura dita “citadina” ou urbana corresponde a uma relação de interação e presença drasticamente reduzida ou mesmo de indiferença; e isto poderia nos servir de termometria para aferir o quão alhures está o indivíduo que experiencia os grandes meios urbanos, bem como o quanto a literatura urbanista contemporânea tem estado atenta a essa tendência civilizacional que distancia o ser humano da natureza em suas múltiplas formas materiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação da dimensão espacial da realidade por meio da literatura, passível de ser analisada pela ciência geográfica, sobretudo fundamentada em bases e abordagens humanistas e fenomenológicas tem, ao longo das últimas duas décadas, se consolidado como um prolífico campo de estudos para a área da Geografia que se desdobrou da chamada Nova Geografia Cultural, propondo-se à leitura de novos autores e autoras de referência.

Além disso, há ainda nesse campo de estudo todo um universo que segue velado aos pesquisadores e pesquisadoras que atualmente têm-se dedicado à temática representacional da dimensão espacial da realidade presente nas manifestações artísticas conhecidas, em que se destacam trabalhos que se debruçam sobre as espacialidades nos materiais cinematográficos (longas, curtas-metragens e animações), performáticos (dança e teatro) e visuais (pinturas, grafites, pichações, esculturas etc.), dos quais ainda tão pouco fora explorado, mas que apresentam potencialidades irrefutáveis.

Evidentemente, as análises aqui expostas não tencionam esgotar a temática trabalhada ao longo do texto, mas corroborar o debate atual acerca das representações espaciais da

dimensão espacial da realidade que estão presentes em qualquer que seja a espacialidade analisada, desde que a pessoa a que isto se propõe esteja amparada pelas lentes da ciência geográfica que se atenta à fatualidade e legitimidade das espacialidades presentes no fenômeno humano em seu processo de apreensão, significação e representação da realidade.

Por fim, as análises das *geograficidades* presentes nas espacialidades literárias aqui apresentadas objetivam, em última instância, salvaguardando sua relevância, promover reflexões acerca das relações que hodiernamente temos estabelecido com o entorno natural que experienciamos diuturnamente a partir das maneiras como essa interatividade tem surgido no conteúdo literário que consumimos. Sobretudo em épocas de instabilidades de inúmeras naturezas, a reconexão do ser humano com a natureza pode se configurar como um interessante benéfico caminho rumo à reconciliação da humanidade com o todo complexo em relação ao que ela tanto negligenciou sua atenção, mas que habita e compreende como lar.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. 2. ed. São Paulo: 34, 2015.

AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, [1946] 2021.

BARAN, B. **Sob o céu vermelho**. São Paulo: Nauta, 2023.

CANUDO, R. **Manifesto das sete artes**. França: Independente, 1923.

CARDOSO, Z. A. **A representação da realidade na obra literária**. *Língua e literatura*, São Paulo, v. 14, p. 161-167, 1985.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas**: a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Collin, L. **Nossa senhora d'aqui**. Curitiba: Arte & Letra, 2020.

DARDEL, É. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FIORIN, J. L. **Língua e história em Saussure**. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 34, p. 54-72, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/17506/12897> . Acesso em: 25 fev. 2024.

GARCIA, R. R. Formas simbólicas e humanismo: contextos, fortuna crítica e atualidade do projeto antropológico-filosófico de Ernst Cassirer. In: Gil Filho, S. F.; Silva, M. A. S.; Garcia, R. R. (org.). **Ernst Cassirer**: geografia e filosofia. Curitiba: UFPR, 2019. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Ernst_Cassirer_geo

grafia_e_filosofia/s360DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0 . Acesso em: 13 jan. 2024.

HIRSCH, E. D. **Validity in interpretation**. Londres: New Heaven, 1967. Hugo, V. **Os Miseráveis**. São Paulo: Penguin-Companhia, [1862] 2017. Kant, I. **Crítica da razão pura**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARANDOLA JR., E. **Geograficidade e espacialidade na literatura**. Geografia, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009. Disponível em : <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795> . Acesso em 4 ago. 2024.

MARANDOLA JR., E. Geografia e literatura. In: Silva, M. A.; Silva, H. R. F. (org.). **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador: EDUFBA, 2010.

MARANDOLA JR., E. Prefácio à edição brasileira. In: Dardel, É. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 1ª Ed. 2015, pp. XI-XIV.

MARANDOLA JR., E.; Gratão, L. H. B. **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2019.

MARANDOLA JR., E.; Chaveiro, E. F.; Gratão, L. H. B. **Geografia e literatura: diálogos e desafios contemporâneos**. Revista da ANPEGE, v. 16, n. 31, p. 136-141, 2020.

MELVILLE, H. **Moby Dick ou a baleia**. São Paulo: 34, [1851] 2019. Moisés, M. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 2003. Moisés, M. **A análise literária**. 18. ed. São Paulo: Cultrix, [1969] 2014.

PEDROSA, B. V. **O império da representação: a Virada Cultural e a Geografia**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 39, p. 31-58, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/issue/view/1621> . Acesso em: 21 jan. 2024.

PLATÃO. **A República**. 4. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2002.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SALTARELLI, T. **Imitação, emulação, modelos e glosas: o paradigma da mimesis na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 19, n.especial, p. 251-264, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18372/15161> . Acesso em: 14 dez. 2023.

SIN-LEQI-UNNINNI. **Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgámesh**. São Paulo: Autêntica, 2017. Todorov, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, [1970] 2011.

VANDERBERGUE, F. Do estruturalismo ao culturalismo: a filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 653-674, set. 2018.

VASCOUTO, V. **Terra dentro**. São Paulo: Reformatório, 2020. Vieira Jr., I. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JR., I. **Salvar o fogo**. São Paulo: Todavia, 2023.

EL CONCEPTO DARDELIANO DE GEOGRAFICIDAD REPRESENTADO EN LA LITERATURA BRASILEÑA CONTEMPORÁNEA

RESUMEN: Fundamentado en las teorías de Ernst Cassirer (1874-1945) referentes a su filosofía de las formas simbólicas (Cassirer, 2001) y en los conceptos fundamentales de Éric Dardel (1899- 1967) sobre la dimensión espacial de la realidad y de *geograficidad* (Dardel, 2015), el presente artículo presenta, inicialmente, una sustanciosa fundamentación teórica acerca de los conceptos de realidad y representación y sus desarrollos a lo largo de la historia del pensamiento humano. A continuación, se expone un panorama teórico-conceptual en cuanto a la temática de la dimensión espacial de la realidad presente tanto en la realidad geográfica (Dardel, 2015), como en la realidad literaria (Cardoso, 1985). Posteriormente, aplicando una metodología de análisis sumariamente hermenéutica (Hirsch, 1967) y dardeliana, el texto tiene por objetivo presentar tres distintos análisis geográficos de las espacialidades de diferentes obras contemporáneas de la literatura brasileña desde el punto de vista de las representaciones de las relaciones establecidas entre los seres humanos y la naturaleza que los rodea, valiéndose de fragmentos extraídos de las ficciones de referencia e identificando potenciales tipos de *geograficidades* presentes en ellas. En resumen, el artículo identifica al menos tres tipologías de *geograficidad* al analizar cuatro producciones literarias, siendo que en dos de ellas, ambas producidas por el mismo autor, las tipologías identificadas se constituyeron similares. En última instancia, es también intención del presente texto promover reflexiones sobre las relaciones que los seres humanos actualmente han establecido con lo que se comprende por naturaleza a partir de los análisis desarrollados y aquí presentados.

Palabras-clave: Geografía y literatura; Geograficidad; Relación Humano-Naturaleza; Representación literaria del espacio.

THE DARDELIAN CONCEPT OF GEOGRAPHICITY REPRESENTED IN CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE

ABSTRACT: Based on the theories of Ernst Cassirer (1874-1945) regarding his philosophy of symbolic forms (Cassirer, 2001) and the fundamental concepts of Éric Dardel (1899-1967) on the spatial dimension of reality and *geographicity* (Dardel, 2015), this article initially presents a substantial theoretical foundation regarding the concepts of reality and representation and their developments throughout the history of human thought. Next, a theoretical-conceptual overview is presented concerning the theme of the spatial dimension of reality present in both geographic reality (Dardel, 2015) and literary reality (Cardoso, 1985). Subsequently, applying a methodology of summarily hermeneutic (Hirsch, 1967) and dardelian analysis, the text aims to present three distinct geographical analyses of the spatialities of different contemporary works of Brazilian literature from the perspective of representations of the relationships established between human beings and the nature that surrounds them, using excerpts taken from the reference fictions and identifying potential types of *geographicities* contained there in. In summary, the article identifies at least three types of *geographicity* by analyzing four literary productions, in which two of them, both produced by the same author, the identified types were similar. Ultimately, the text also aims to promote reflections on the relationships that human beings currently have established with what is understood by nature based on the analyses developed and presented here.

Keywords: Geography and literature; Geographicity; Human-Nature relation; Literary representation of espace.